

## PATRÍCIA NUM A(C)TO

Há 10 anos, Patrícia Vasconcelos fundou a ACT, uma escola para formar atores. Uma década depois, a diretora de casting está tão apaixonada pelo projeto como no início

16

Quando, em 2001, Patrícia Vasconcelos e Elsa Valentim, com outros dois ou três nomes de relevo da cultura nacional, discutiam os estatutos da escola que estavam a pensar criar, lembram-se perfeitamente do comentário do advogado: "Não vão abrir esta escola para ganhar dinheiro? Então vão fazer isto para quê?" A surpresa do homem de leis contrastava com a decisão assumida das fundadoras de pôr de pé um projeto que sentiam fazer falta e vir "preencher uma lacuna no mercado". "Os alunos que saíam do Conservatório de Teatro não sabiam estar em frente a uma câmara, saíam do enquadramento...", relembra Patrícia Vasconcelos, 46 anos. A partir de então, a aposta foi sempre "na qualidade, não na quantidade". Daí que as 200 candidaturas que recebem todos os anos na escola de representação ACT apenas façam felizes 40 alunos — os que conseguem passar as provas e entrar. De há dez anos para cá, mesmo em alturas de grande aperto finan-

ceiro, "basta entrar no corredor (da ACT) e sentir a energia daqueles miúdos todos a estudar, que compensa logo tudo", conta a diretora de casting.

Conseguir criar "uma geração ACT", que fosse reconhecível, era um dos objetivos de Patrícia, filha do realizador José-Pedro Vasconcelos. Que não esconde o orgulho em alguns dos ex-alunos: Pêpê Rapazote, Inês Castel Branco, Patrícia Tavares, Sofia Grilo... Ou ainda Anabela Moreira ou Francisco Tavares, para citar dois atores do premiado filme de João Canijo "Sangue do Meu Sangue". O curso de Formação de Atores, hoje com a duração de três anos, não teve sempre o mesmo formato. Trabalha-se por módulos, e, grosso modo, no primeiro ano "ataca-se" o esqueleto do ator (trabalho de corpo, voz...), no segundo trabalha-se o texto e no terceiro participa-se em ateliês dados por diferentes formadores. "Nós não vendemos sonhos", diz. "Damos ferramentas para a vida profissional — um

pouco como fazem os pais". Exigente, Patrícia insiste muito na mensagem de que é preciso fazer pela vida — e, sobretudo, trabalhar muito. "Não basta ter talento. O talento prescreve. Envelhece, se não for trabalhado, já dizia o meu querido Raúl Solnado." A crise não a assusta, mas Patrícia vai desenvolvendo cada vez mais contactos internacionais, para fazer face a um mercado interno contraído. As relações que teceu no European Film Promotion já lhe serviram, este ano, para pôr vários atores portugueses a participar no casting do próximo filme do James Bond. Recorda uma frase de um influente diretor de casting que conheceu: "Os atores não têm nacionalidade." Já lá vão 23 anos desde que se iniciou nisto dos castings, mas ainda se emociona com a descoberta do talento. "No outro dia, num workshop, emocionei-me com um exercício de uma aluna." E é na sua escola que se imagina, velhinha, de bengala, a ensinar e a refilar com tudo e todos... **o KATYA DELIMBEUF**

**ETC**

**Solas vermelhas** A venda de tinta vermelha aumentou 40% na cadeia britânica de bricolage Homebase e os responsáveis têm uma explicação: pintar as solas para imitar a marca Louboutin, porque há quem leve revistas de moda para conferir a cor